Esmague o Estado!

Construa a anarquia!

EDITORIAL

Ação Direta é uma reação perante uma injustiça ou opressão, constituindo não somente uma “ação”, mas um modo de exercer seu poder, capacidades e habilidades pessoais.

Uma ação, torna-se Ação Direta, quando as pessoas consideravelmente e ou concretamente afetadas pelo problema, decidem organizarem-se para promover uma solução. Juntas elas colocam a decisão em prática, realizando e se responsabilizando pelo objetivo.

Ações Diretas são comumente associadas a atos violentos, as pessoas imaginam alguém jogando uma pedra na vidraça, ou um grupo se organizando em forma de milícia, enfim.

É importante saber: as Ações Diretas podem ser violentas ou pacíficas. Ambas são aceitas com todas as consequencias que as envolvem.

Exemplos clássicos e corriqueiros de Ações Diretas sociais são as creches cooperativas, as empresas dirigidas coletivamente, os programas habitacionais independentes, os coletivos de saúde e as organizações livres de fornecimento e distribuição de água e alimento.

Essas experiências contribuem para um processo de auto libertação, pois fazem os envolvidos entenderem que não é preciso um político “profissional” “expert” para resolver e cuidar de seus interesses.

AURORA OBREIRA

Barricada Libertária, iniciativa de ação direta para divulgação e propaganda do anarquismo sem partido, sem religião, sem Estado.

AURORA OBREIRA

Número 64 - Agosto 2016. Revista para divulgação do anarquismo atual e na construção de uma sociedade sem classes, sem opressão e sem exploração.

Redação: Barricada Libertária
Colaboração: Fenikso Nigra, Movimento Anarquista, Danças das Idéias, ATB, Iniciativa Federalista Anarquista-Brasil
Esta revista foi feita em soft livre: Scribus, Libreoffice, Inkscape, Gimp, OS Mint 17

Contatos:
Barricada Libertária: lobo@riseup.net, barriliber@riseup.net
Fenikso Nigra: fenikso@riseup.net aŭ fenikso@anarkio.net

http://anarkio.net

COMITÊ ANTI-ELEITORAL 2016

ANARKIO.NET

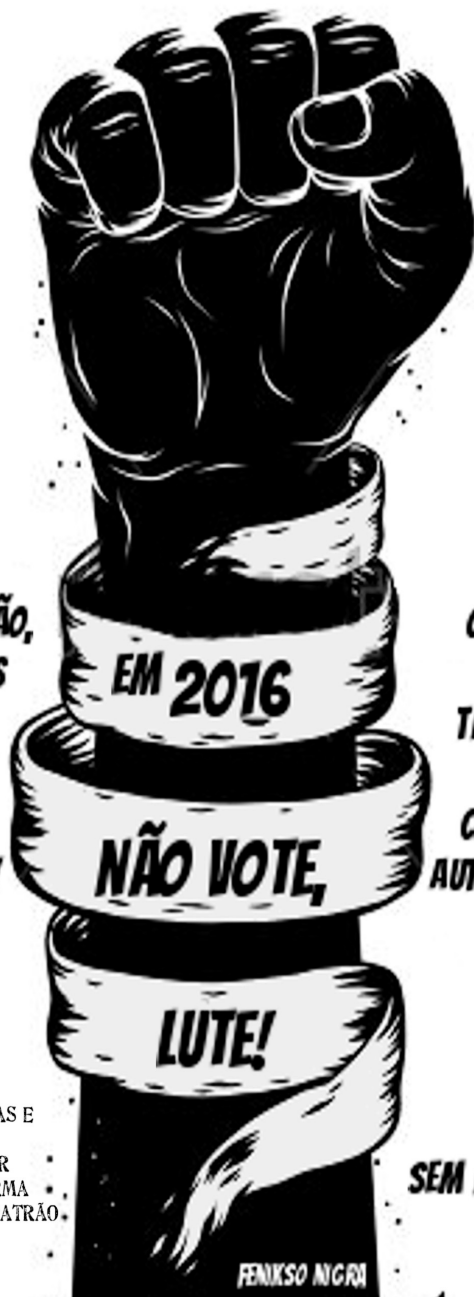
EM 2016

NÃO VOTE,

LUTE!

ELEIÇÃO É ENGANAÇÃO, OS PARTIDOS E SEUS CANDIDATOS SÓ BUSCAM O PODER E IGNORAM NOSSAS DEMANDAS SOCIAIS!

ANARQUISMO=
QUANDO PESSOAS OPRIMIDAS E EXPLORADAS
ESTÃO ORGANIZADAS POR
SUA EMANCIPAÇÃO, DE FORMA
DIRETA, SEM PARTIDOS, SEM PATRÃO
SEM ESTADO!

ORGANIZE EM SUA COMUNIDADE, NO TRABALHO, ESCOLA, FACULDADE, NOS CAMPOS E CIDADES AUTOGESTÃO SOCIAL, SEM PARTIDOS, SEM ESTADO, SEM PATRÃO! POLÍTICA DIRETA DE OUTRO JEITO, SEM REPRESENTANTES!

FENIKSO NIGRA

NÃO ALIMENTE PARASITAS PARTIDÁRIOS!

08 e 09 Outubro 2016
15ºExpressões Anarquistas
PIRACICABA
CULTURA / EXPOSIÇÕES/ CONVERSAS/ OFICINAS/ CONVÍVIO E MUITO MAIS...
SARAU LIBERTÁRIO
aberto a todas as pessoas, tragam suas expressões!
Entre em contato para mais informações sobre rango e alojamento:
exprana@riseup.net
anarkio.net

7ª FEIRA
ANARQUISTA DE
SÃO PAULO
13 DE NOVEMBRO
TENDAL DA LAPA
R. CONSTANÇA, 72
10H - 20H
CNT
LES-BARQUET
GRUP "ART LLIURE"
.biblioteca.
TERRA LIVRE

A ÉTICA ANARQUISTA

Pode-se entender ética como aquilo referente aos valores morais nas práticas humanas, aquilo que seria certo ou errado como forma de conduta. Considerando que vivemos em uma sociedade capitalista, ou melhor, em uma sociedade fundamentada na lei do egoísmo, do lucro pela desvantagem do próximo, na exploração do homem e degradação do planeta, e, principalmente, na total alienação do indivíduo do controle de seu trabalho, sua vida social, sua educação, sendo utilizado como instrumento, como força social de acordo com o interesse das classes ou grupos dirigentes.

Enfim, considerando tudo isso, é fácil identificar que tipos de ética e moral estão presentes em nossa formação: uma moral construída pela burguesia e uma ética coerente com essa moral, tudo isso viciando nossas práticas sociais com a ideologia do patrão, do político, do capitalista, da elite, do militar, de toda a escória que nos educa a servir e obedecer sem questionar, a tratar o próximo como um concorrente ou inimigo. Assim somos educados pelo estado, pelas classes dominantes ou qualquer outro grupo organizado que exerça e impõe sua influência perniciosa sobre a maioria da sociedade, através de sua moral podre e pela repressão de seus empregados, utilizando-se da força e da lei.

O que o Anarquismo propõe?

Existe esta situação em que vivemos, um sistema que nos leva a morte, destruindo as relações sociais em proveito do interesse de

uma minoria.

Nós, Anarquistas temos uma crítica a este sistema e propomos uma mudança radical, revolucionária, uma ruptura com tal prática de relação social e econômica. Queremos o controle, pela sociedade, de seu trabalho, saúde, educação e tudo mais que lhe diga respeito, e nosso objetivo é estar atuando no meio social, transformando o cotidiano, construindo alternativas, enfim, propagando nosso ideal pela ação, pela prática. O Anarquismo é esse instrumento de transformação, e só é possível construir o Anarquismo praticando-o, vivendo-o.

E onde entra a ética Anarquista nisso?

Procurando por em prática o Anarquismo, esse instrumento de luta social, o mesmo tem como base os princípios Anarquistas, aquilo em que acreditamos e pelo qual lutamos, tais como o apoio mútuo, autogestão, internacionalismo, liberdade, princípios que são a essência do movimento e o que caracteriza o pensamento Anarquista. E a ética Anarquista, nossa conduta, deve estar sempre coerente com estes princípios. Se a moral hipócrita burguesa educa para formar escravos egoístas, reprodutores de sua ideologia, nós Anarquistas propomos uma outra educação, aquela que busque criar indivíduos preocupados com o bem estar da sociedade e do meio em que vivem, vendo o próximo com respeito e igualdade. Entendendo-se educação aqui como tudo aquilo que assimilamos e reproduzimos enquanto vivendo em sociedade, essa educação que propomos, essa ética, só virá através da prática, seja em qualquer atuação social, seja em um grupo de estudos, em uma ocupação de terreno, em uma comunidade ou no sindicato, para nós a prática deve estar coerente com nossos princípios.

Acreditamos que a prática determina quem se é e o fim ao qual se vai chegar. O capitalista e o autoritário podem utilizar-se do discurso para enganar, mas suas práticas fazem com que suas máscaras caiam, e levam a fins que conhecemos bem, fins que estão de acordo com suas ações. Acreditamos que ser anarquista não é algo que se possa abdicar em favor de um suposto objetivo ou quando não for do nosso interesse, devemos sê-lo sempre, no trato com as pessoas, nasrelações afetivas, na militância, etc.

É claro que isso não quer dizer que devemos estar falando de Anarquismo sempre e com todos como um fanático religioso, ou sair por aí espancando os patrões e as autoridades (embora isso dê vontade). Vivemos e crescemos em uma sociedade injusta, desigual e autoritária, muitos de nós temos que alienar nossa força de trabalho para um patrão ou proprietário, e nossas relações muitas vezes são com pessoas que reproduzem a ideologia do capital.

Mas, e aí está nosso diferencial, se nós somos Anarquistas e propomos e lutamos por uma sociedade justa, igual e não hierarquizada, nós não podemos ter uma prática, uma ética, na vida política e outra na vida particular, ou então agirmos como canalhas com os companheiros ou manipularmos politicamente as pessoas com base em sofismas e calúnias, tudo em nome de um suposto Anarquismo. Estar na luta é também buscar limpar-se dos vícios do sistema estatal/burguês autoritário, não adianta nada falarmos em Anarquismo e ao mesmo tempo caluniar, ser sexista, tentar coagir, intimidar para exercer influência, etc. Estar na luta é fazer a revolução agora, com cada passo conquistado, tentando mudar a realidade hoje e não por partes, em uma racionalização pobre que tenta desassociar as ações no presente com os resultados no futuro.

Temos que ser um exemplo pelas nossas ações, seja pelo que fazemos e como fazemos. Vamos deixar os rótulos, a individualização, o pragmatismo cego e implacável para o capitalismo, que, em sua conduta, não vê impedimento e passa por cima de tudo e todos para que uma minoria tenha seu poder e seu lucro garantidos. Sejamos Anarquistas, não da boca pra fora, no discurso sedutor, mas atuando socialmente e tendo nossa ética condizente com nossos princípios. Nós Anarquistas lutamos para que a maioria explorada fortaleça-se em relações sociais justas, iguais e não hierarquizadas, para que, organizada, ponha fim à ditadura do egoísmo.

**CEADP (Coletivo de Estudos Anarquistas Domingos Passos), Niterói.
Janeiro de 2004**

A defesa de um Terrorista (Emile Henry)

O que vou dizer-lhes não é uma defesa. Não estou tentando escapar do castigo imposto pela sociedade que ataquei. Além do mais, só reconheço um tribunal capaz de julgar-me - eu próprio - e o veredicto de qualquer outro não tem nenhuma importância para mim. Desejo apenas dar-lhes uma explicação sobre os meus atos e dizer-lhes como fui levado a praticá-los. Faz pouco tempo que me tornei um anarquista. Foi só na metade de 1891 que ingressei no movimento revolucionário. Até então, freqüentava ambientes inteiramente imbuídos da moral vigente. Tinha sido educado para respeitar e até mesmo amar os conceitos de pátria, família, autoridade e propriedade. Pois a verdade é que os professores desta geração moderna esquecem muitas vezes de uma coisa importante: que a vida, com suas lutas e serrotas, suas injustiças e iniqüidades, se encarrega de abrir indiscretamente os olhos daqueles que ainda ignoram a realidade. Isso aconteceu comigo, assim como acontece com todo mundo. Disseram-me que a vida era fácil, que estava aberta a todas as pessoas inteligentes e cheias de entusiasmo; a

experiência me ensinou que só os cínicos e os servis conseguiam bons lugares no banquete. Disseram-me que as instituições sociais baseavam-se na justiça e na igualdade; eu observava a minha volta e só via mentiras e falsidade.

Cada dia que passava me fazia perder as ilusões. Por onde quer que andasse, testemunhava sempre a mesma coisa: a miséria de alguns e as alegrias de outros. Não tardei a entender que as grandes palavras que haviam me ensinado a venerar - honra, dedicação, dever - eram apenas máscaras que escondiam a mais vergonhosa baixeza. O dono da fábrica, que amealhava uma fortuna colossal graças ao trabalho de operários que nada tinham, era um cavalheiro; os deputados e ministros, cujas mãos estavam sempre estendidas à espera do suborno, eram homens dedicados ao bem comum; o policial, que experimentava um novo tipo de rifle alvejando crianças de sete anos, cumprira seu dever e era cumprimentado publicamente no parlamento pelo presidente do conselho. Tudo isso me enojava e minha inteligência foi aos poucos atraída pelas críticas feitas a organização social vigente. Essas críticas já foram tantas vezes repetidas que não vale a pena voltar a fazê-lo. Basta apenas dizer que logo me tornei um inimigo de uma sociedade que eu julgava criminosa.

Atraído, no início, pelo socialismo não tardei a afastar-me deste partido. Amo demais a liberdade, tenho demasiado respeito pela iniciativa privada e demasiada repulsa pela organização militar para que pudesse me tornar apenas mais um número no exército ordenado do quarto estado. Além disso, cedo que o socialismo não chegava a modificar a ordem estabelecida pois mantinha o conceito da autoridade – e seja qual for a idéia que os livres pensadores autodidatas possam ter a respeito – tal conceito representa a sobrevivência de uma crença antiquada num poder superior.

Estudos científicos me fizeram ir percebendo o papel que as forças naturais desempenham no universo. Tornei-me materialista e ateu: entendi que a moderna ciência rejeita a hipótese da existência de Deus porque não precisa dele. Da mesma maneira, a moral religiosa e autoritária baseada em falsas premissas, também deveria desaparecer. Perguntava a mim mesmo como harmonizar

essa nova moral com as leis da natureza, capazes de regenerar o velho mundo, para que fosse possível tornar a humanidade mais feliz. Foi nesse momento que entrei em contato com um grupo de camaradas anarquistas que ainda hoje considero entre os melhores que já conheci. O caráter desses homens me cativou de imediato. Percebi neles uma grande sinceridade, uma franqueza total, uma vigorosa desconfiança de todos os preconceitos e quis entender as idéias capazes de produzir homens tão diferentes daqueles que eu até então conhecera.

Essas ideias, tal como consegui entendê-las, encontraram em minha mente um solo totalmente preparado – graças a observações e reflexões pessoais – para recebê-las. Elas vieram apenas dar objetividade ao que já existia de forma vaga e indecisa. E, por minha vez, eu também me tornei um anarquista.

Não é necessário que eu desenvolva aqui toda a teoria dos anarquistas. Desejo apenas salientar seu lado revolucionário e os aspectos negativos e destrutivos que me trouxeram à sua presença. Neste momento de amargo e acirrado combate entre a classe média e seus inimigos, sou quase tentado a dizer, como Souvarine em Germinal: "Todas as discussões sobre o futuro são criminosas, já que impedem a destruição pura e simples e retardam a marcha da revolução".

Como contribuição pessoal à luta, eu trouxe um ódio profundo e renovado a cada dia pelo espetáculo desta sociedade onde tudo é baixo, equívoco e feio; onde tudo serve de impedimento ao fluxo das paixões humanas, aos impulsos generosos do coração, ao vôo livre do pensamento. Desejava golpeá-la com tanta força e tanta justiça quanto fosse possível. Comecemos com a primeira tentativa, a explosão na Rue des Carmaux. As primeiras notícias sobre a greve me encheram de alegria. Os mineiros pareciam enfim ter abandonado as inúteis greves pacíficas; nas qual o operariado confiante espera pacientemente que seus poucos francos triunfem sobre os milhões da companhia. Pareciam ter finalmente escolhido o caminho da violência, que se manifestou decididamente no dia 15 de agosto de 1892. Os escritórios e prédios da mina foram invadidos por uma multidão de gente cansada de sofrer sem protestar;

revoltados, os operários estavam prestes a justiçar o odiado engenheiro quando os mais medrosos decidiram interferir.

E quem eram esses homens? Os mesmos que fazem abortar todos os movimentos revolucionários porque temem que, uma vez livre, o povo não obedecerá mais ao seu comando. Os mesmos que convencem milhares de homens a suportar privações mês após mês para que, ao protestar contra essas privações, possam criar para si uma popularidade capaz de fazer com que se elejam. Tais homens – falo nos líderes socialistas assumiram de fato a liderança do movimento grevista. Imediatamente surgiu na região, uma nuvem de cavalheiros loquazes que se colocavam inteiramente à disposição dos operários, para organizar listas para arrecadação de fundos, arranjar conferências e buscar em todos os lugares possíveis. Os mineiros entregaram a eles toda a organização do movimento – e todos sabem o que aconteceu.

A greve continuou, estendeu-se durante dias e os mineiros estabeleceram relações muito íntimas com a fome, que se tornou sua mais fiel companheira. Logo esgotaram a pequena reserva de fundos de seu próprio sindicato e das outras organizações que tinham vindo em seu auxílio então, ao fim do segundo mês de greve, cabisbaixos e humilhados, voltaram aos poços da mina mais miseráveis do que nunca. Teria sido tão simples no começo atacar a companhia no seu único ponto sensível - o financeiro - queimando os estoques de carvão, destruindo as máquinas e as bombas de recalque das minas. Se tivessem feito isso, a companhia certamente não tardaria a capitular. Mas os grandes pontífices do socialismo não permitiram a utilização destes métodos por serem típicos do anarquismo. Ao lançar mão deles estamos arriscados a levar um tiro e até quem sabe, a receber uma daquelas balas que deram resultados tão miraculosos em Fourmies. Esta não é, certamente, a melhor maneira de ganhar um lugar na câmara municipal ou na assembléia legislativa. Em resuma, após uma interrupção momentânea, a ordem voltou a reinar em Carmaux, uma vez eliminados alguns problemas passageiros. Mais poderosa do que nunca, a Companhia continuou a explorar o povo, e os cavalheiros acionistas cumprimentaram-se pelo feliz desfecho da greve,

sentindo um redobrado prazer ao receber seus dividendos.

Foi então que decidi introduzir naquele concerto de sons tão alegres uma voz que os burgueses já conheciam, mas que julgavam ter morrido em Ravaxhel: a voz da dinamite. Queria mostrar à burguesia que, partir daquele momento, seus prazeres já não seriam tão completos, que as vitórias insolentes seriam perturbadas, que o bezerro de ouro balançaria violentamente no pedestal até o golpe final, que o faria rolar em meio ao sangue e à imundice. Ao mesmo tempo, desejava fazer com que os mineiros entendessem que só há um tipo de homem capaz de se preocupar sinceramente com os seus sofrimentos e dispostos a vingá-los: os anarquistas. Tais homens não ficam sentados no parlamento como o Sr Guesde e seus associados, mas, marcham até a guilhotina.

Assim, preparei uma bomba. Num certo momento, lembrei-me da acusação que havia sido feita em Ravachol. E as vítimas inocentes? Mas logo resolvi esse problema. Os edifícios onde a Companhia Carmoux mantinha seus escritórios eram habitados apenas por burgueses: não haveria, portanto, vítimas inocentes. Todos os burgueses vivem da exploração dos menos afortunados e justos e deveriam pagar pelo seu crime. Assim, foi com a mais absoluta confiança na legitimidade do meu ato que deixei a bomba diante da porta dos escritórios da Companhia.

Já falei aqui sobre a minha esperança de que, caso fosse descoberta antes de explodir, minha bomba acabaria por detonar na delegacia, onde aqueles que por acaso viessem a sofrer ferimentos também seriam inimigos. Tais foram os motivos que me levaram a cometer o primeiro atentado de que sou acusado.

Vejamos o segundo: o incidente no Café Terminus. Eu acabara de voltar a Paris na época do caso Vallant e fora testemunha da terrível repressão que se seguiu à explosão no Palácio Bourbon. Vi as medidas draconianas que o governo decidiu tomar contra os anarquistas. Havia espiões, buscas e prisões por toda a parte. Um grupo de indivíduos detidos indiscriminadamente, arrancados de seus lares e jogados nas prisões. Ninguém se preocupou em saber o que aconteceria às suas esposas e filhos enquanto esses camaradas permanecessem confinados. O anarquista já não era mais

considerado um ser humano, mas uma besta selvagem que devia ser caçada sem tréguas enquanto a imprensa burguesa, escrava da autoridade, exigia em altas vozes que todos eles fossem eliminados. Ao mesmo tempo, panfletos e papéis libertários eram confiscados e aboliu-se o direito de reunião. Pior do que isso: quando parecia aconselhável livrar-se de um camarada, um informante deixava no seu quarto um pacote que, segundo ele, continha tanino; no dia seguinte procedia-se a uma busca com um mandato datado do dia anterior e encontrava-se uma caixa com um pó suspeito. O camarada era então levado a julgamento e condenado a três anos de prisão. Se quiserem saber se o que digo é verdade, perguntem ao espião miserável que conseguiu penetrar na casa do camarada Merigeaud!

Mas tais métodos eram válidos, pois atacavam um inimigo que havia espalhado o medo, e todos aqueles que tinham tremido de pavor queriam agora demonstrar coragem. Como coroamento dessa cruzada contra os heréticos, ouvimos o Ministro do Interior, Sr. Reynal, declarar na Câmara dos Deputados que as medidas tomadas pelo governo tinham implantado o terror entre os anarquistas. Mas isso ainda não era suficiente: um homem que nunca havia matado ninguém foi condenado à morte. Era necessário mostrar bravura até o fim, e numa bela manhã ele foi guilhotinado. Mas, senhores da burguesia, ao fazer tais planos, vocês esqueceram do principal, prenderam centenas de homens e mulheres, violaram dezenas de lares, mas, fora dos muros da prisão, ainda restavam homens que vocês desconheciam e que observavam, escondidos nas sobras enquanto vocês caçavam anarquistas, esperando apenas o momento propício para que eles, por sua vez, pudessem caçar os caçadores.

As palavras de Reynal eram um desafio arremessado aos anarquistas. O desafio foi aceito.

A bomba encontrada no Café Terminus é a resposta a todas as violações à liberdade, às prisões, às buscas, às leis contra a imprensa, às deportações em massa, às guilhotinas.

Mas - perguntarão vocês - por que atacar os pacíficos clientes de um café que estavam apenas sentados ouvindo música e que, não

eram nem juizes, nem deputados, nem burocratas?

Por quê?

É muito simples. Os burgueses não faziam distinções entre os anarquistas. Vailant, um homem que agia sozinho, jogou uma bomba; mais da metade de seus camaradas nem ao menos o conhecia mas isso não teve nenhuma importância; era uma perseguição em massa e qualquer pessoa que tivesse ligações com os anarquistas, por menor que fossem, deveria ser caçada. E já que vocês responsabilizam todo um partido pelas ações de um só homem e atacam indiscriminadamente, nós também atacaremos sem escolher as vítimas.

Acham talvez que devêssemos atacar somente os deputados que fazem as leis contra nós, os juizes que aplicam essas leis, à polícia que nos prende?

Não concordo. Tais homens são apenas instrumentos. Não agem em seu próprio nome. Suas funções foram criadas pela burguesia como uma forma de defesa. Não são mais culpados que qualquer um de vocês. Esses bons burgueses que não tem qualquer cargo público, mas que colhem seus dividendos e vivem ociosamente graças aos lucros obtidos com o trabalho árduo dos operários, eles também devem sofrer a sua quota de vingança!

E não só eles, mas todos aqueles que concordam com a ordem vigente, que aplaudem os atos do governo e assim se tornam seus cúmplices; os funcionários que ganham três ou cinco mil francos por mês e que odeiam o povo com fúria ainda maior que a dos ricos, aquela massa estúpida e pretensiosa de gente que sempre escolhe o lado mais forte - em outras palavras, a clientela diária do Terminus e de outros grandes cafés! Foi por esta razão que ataquei ao acaso e não escolhi as minhas vítimas. Devemos fazer com que a burguesia entenda que aqueles que sofrem estão enfim cansados de sofrer.

Começam a mostrar os dentes e quando atacarem serão tanto mais brutais quanto tiver sido a brutalidade usada contra eles. Eles não têm nenhum respeito pela vida humana porque os próprios burgueses já demonstraram que não se preocupam com ela. Não cabe aos assassinos responsáveis por aquela semana sangrenta e por Fourmies considerar que os outros são os assassinos.

Não pouparemos as mulheres e crianças burguesas porque as mulheres e as crianças daqueles que amamos também não foram poupadas. Não deveríamos incluir entre as vítimas inocentes, as crianças que morrem lentamente de anemia nos cortiços porque não há pão em suas casas? As mulheres que vão se tornando cada vez mais pálidas trabalhando nas fábricas, esfalfando-se para ganhar alguns tostões por dia e podendo se considerar felizes se a pobreza não as levar à prostituição? Ou os velhos que foram tratados como máquinas durante toda a vida e que agora são lançados aos montes de refugos nos asilos, quando já não têm mais forças para trabalhar?

Tenham ao menos a coragem de assumir seus crimes, cavalheiros da burguesia, e reconheçam que nossas represálias são totalmente válidas. É claro que não tenho ilusões. Sei que as massas ainda não estão preparadas para entender meus atos. Mesmo entre os operários pelos quais lutei, muitos ainda serão enganados pelos jornais e me condenarão como a um inimigo. Mas isso não importa. Não estou preocupado com o que os outros pensam de mim. Nem ignoro o fato de que há muitos indivíduos que se dizem anarquistas, mas que se apressam a negar solidariedade aos que pretendem difundir a ação. Eles procuram estabelecer uma diferença sutil entre os teóricos e os terroristas. Demasiado covardes para arriscar a própria vida, negam aqueles que têm esta coragem. Mas a influência que pretendem exercer sobre o movimento revolucionário é absolutamente nenhuma. Hoje o campo está aberto à ação, sem fraquezas ou desistências.

Certa vez Alexander Herzen, o revolucionário russo, disse: "devemos escolher entre duas coisas: condenar e marchar para frente ou perdoar e dar meia volta no meio do caminho". Não pretendermos nem perdoar, nem voltar atrás e marcharemos sempre para frente, avançando até que a revolução, objetivo final de todos os nossos esforços, finalmente aconteça para coroar nosso trabalho com a criação de um mundo livre.

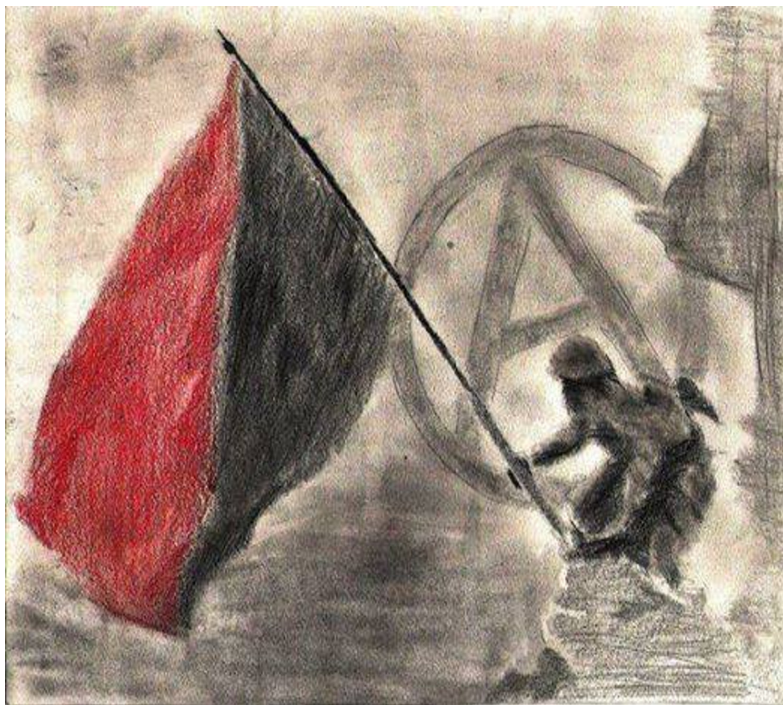
Nessa guerra sem piedade que declaramos contra a burguesia, não queremos que ninguém tenha pena de nós. Matamos e sabemos suportar a morte. É, portanto com indiferença que aguardo a

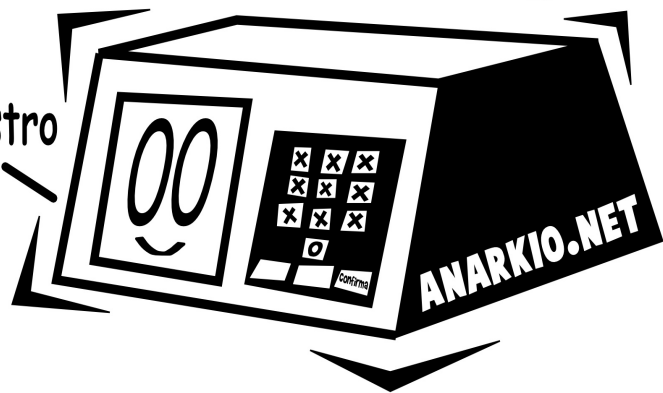
sentença.

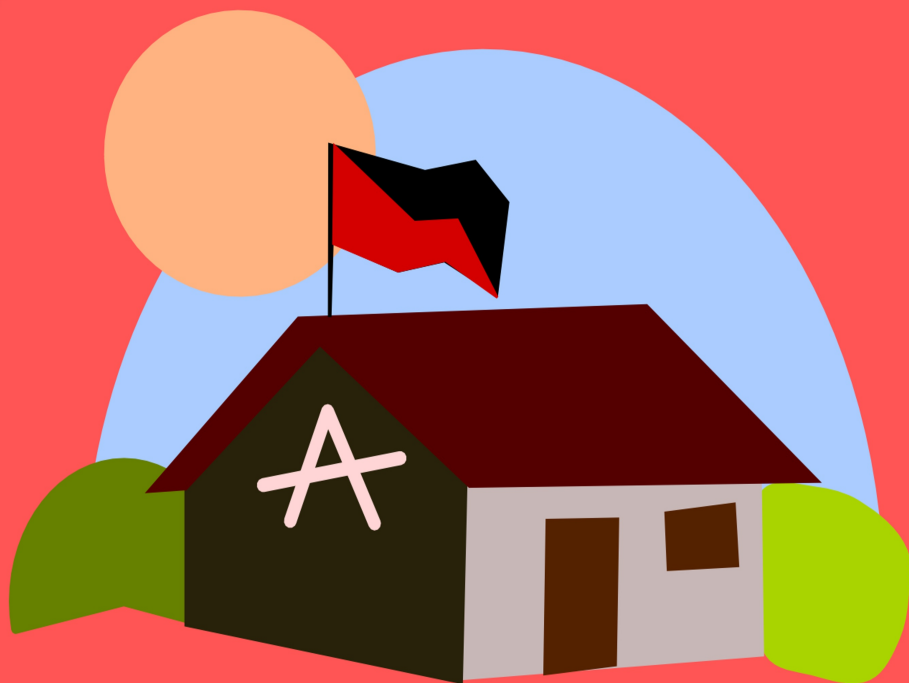
Sei que minha cabeça não será a última que vocês cortarão: outras ainda irão rolar, porque os que morrem de fome começam a aprender os caminhos que levam aos cafés e aos restaurantes, aos Terminus e Foyots. Outros nomes serão acrescentados à lista sangrenta dos nossos mortos.

Vocês podem ter enforcado em Chicago, decapitado na Alemanha, garroteado em Jerez, fuzilado em Barcelona, guilhotinado em Montbrison e Paris, mas nunca conseguirão acabar com o anarquismo.

Suas raízes são demasiado profundas, ele nasceu no coração de uma sociedade que está apodrecendo e se desintegrando. Representa todas as aspirações libertárias e igualitárias que se levantam contra a autoridade. Está em toda a parte, o que faz que seja impossível controlá-lo. Acabará por matá-los a todos!

Por Emile Henry (em A Gazeta dos tribunais, 27 abril de 1894).

Existe Política além DO VOTO!

Não basta não votar, ORGANIZA-SE

organização Autonoma sem Partidos, sem Patrões, sem Estado!

lernu
esperanto
aprenda
esperanto
anarkio.net

Nossa casa Nossa luta!

Iniciativa por espaços
sociais autonomos
sem partidos, sem patrões
sem religiões, sem Estado

anarkio.net – fenikso@riseup.net

Vizitu nian interetan paĝon

HTTP://ANARKIO.NET

- Tekstojn;
- Imagojn;
- Agojn, ktp

Retadreso:

fenikso@riseup.net aŭ barriliber@anarkio.net
lobo@riseup.net

ANARKIO.NET

ATÉ O FIM DE TODAS CLASSES SOCIAIS